

COMENTÁRIOS SOBRE O ARTIGO DE KARSBURG SOBRE O MONGE JOÃO MARIA DE AGOSTINI

José Fraga Fachel¹

O longo e diligente artigo de Alexandre Oliveira Karsburg sobre o monge João Maria de Agostini esclarece principalmente o fim que levou o monge depois que saiu da Ilha do Arvoredo, em Santa Catarina, onde encontrava-se exilado. Vários autores que estudaram o monge João Maria de Agostini estabeleceram as mais diferentes versões sobre sua morte. Para alguns autores, o monge morreu em Araraquara, São Paulo. Há outra versão de que teria morrido em Ponta Grossa, Paraná. Alguns cronistas referem que teria sido assassinado em Lagoa Vermelha, Rio Grande do Sul. Existem ainda versões de que teria findado seus dias em Rio Claro, Paraná, ou em Taio, Santa Catarina (Fachel, 1996). Com pertinácia e espírito científico, Karsburg descobriu o verdadeiro fim do monge João Maria de Agostini. Segundo Karsburg, ele morreu em Novo México, nos Estados Unidos, em abril de 1869. Provavelmente, assassinado em circunstâncias não esclarecidas. Karsburg descobriu também que o monge João Maria de Agostini, depois que se retirou da Ilha do Arvoredo, em Santa Catarina, passou por vários países da América Latina, entre eles Argentina, Peru, México, terminando sua peregrinação no Novo México, nos Estado Unidos.

No entanto, apesar de Karsburg ter mostrado quanto o monge João Maria de Agostini foi importante para a população pobre, no interior do sul do Brasil, não refere de forma clara sobre os seus continuadores, que foram os monges João Maria de Jesus e José Maria. Este último teria sido o estopim que gerou a Guerra do Contestado (1912-1916). E, como disse Osvaldo Cabral: “No sertão, no planalto, nos vales e nas coxilhas São João Maria foi um só” (Cabral, 1960).

¹ Sociólogo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: debatesdoner@gmail.com.

Em 1846, segundo o padre Zeferino Dias Lopes, o monge João Maria de Agostini esteve em Rio Pardo, onde foi convidado a fazer um sermão na Igreja Senhor dos Passos. O sermão não agradou aos presentes e o monge na saída da Igreja teria levado umas bengaladas, desferidas por Andrade Neves, o mesmo das atrocidades da Guerra do Paraguai. Este episódio não é citado por Karsburg no texto aqui apresentado, mas eventos como estes seriam importantes para indicar conflitos sociais e a preocupação da classe dominante com as aglomerações do povo ao redor do monge João Maria de Agostini. O monge que atendia aos aflitos e enfermos, que dava conselhos, ervas e águas consideradas santas pelas gentes do sertão:

Gente que não tinha possibilidade de cura e gente que não tinha possibilidade de procurar médico, ou que não o encontraria, senão a centenas de quilômetros de distancia. Gente sem haveres para custear tratamentos. Gente sem muita esperança senão aquela [da fé no monge] [...] (Cabral, 1960, p. 121).

Este desamparo em que se encontrava o povo pobre e que se encontra até hoje foi o que possibilitou o aparecimento de monges não ligados à Igreja, monges esses que trouxeram benefícios às populações.

A Igreja católica cresceu nos primeiros séculos de sua história principalmente com os pobres. Depois dos séculos III e IV, especialmente com o imperador romano Constantino, a Igreja considerou-se triunfante e esqueceu os pobres. Passou a ser uma Igreja faustosa, rica e mais interessada nas camadas dominantes. No século XIII, São Francisco de Assis tentou retomar o caminho dos pobres com o seu amor pelos os excluídos e pela a natureza já em degradação. Mas ficou nisso. Atualmente, são religiões neopentecostais que aproveitaram o espaço deixado pela a Igreja Católica, e elas estão surgindo em todos os cantos do planeta. Mas ao contrário do monge João Maria de Agostini, do monge João Maria de Jesus e do monge José Maria, que só aceitavam alimentos de seus seguidores como forma de auxílio, essas novas denominações religiosas cobram, o dízimo e outros recursos.

Karsburg ocupa várias páginas de seu artigo falando dos capuchinhos. Acontece que, no tempo do monge João Maria de Agostini, a região onde ele palmilhou, as populações não tinham assistência de nenhuma espécie,

inclusive religiosa. Apenas um frade franciscano, Frei Rogério Neuhaus, encontrou-se uma vez com o segundo monge João Maria de Jesus, isto em fins do século XIX. Frei Rogério questionou-o sobre o direito de fazer pregações, já que não tinha ordens sacras. O que já indica a repressão que esses monges solitários sofreram. Há também o episódio, citado por Karsburg, em que o capuchinho Frei Gregório Maria de Bene fez erguer uma igreja utilizando mão de obra escrava com a promessa de alforria quando a igreja estivesse pronta. Era uma promessa que o Frei não poderia cumprir. Isso aconteceu no estado do Espírito Santo, em 1849. O que gerou uma revolta dos escravos logo dominada pelo governo imperial. Enquanto isso, o monge João Maria de Agostini, na mesma época, edificava uma ermida para Santo Antão, no campestre de Santa Maria da Boca do Monte, com o auxílio de apenas devotos voluntários. Portanto, não houve a presença dos Capuchinhos na história do monge João Maria de Agostini.

Atualmente, o povo sofre com serviços públicos de má qualidade, precisa ir às quatro ou às cinco horas da madrugada para conseguir uma consulta médica, esperar meses para realizar uma cirurgia, ou arrumar um leito em um hospital. Dessa forma, entende-se o que Augusto Comte disse: “O homem parece ter necessidade de um alguém superior a ele”. O trabalho de Alexandre Karsburg, além de trazer mais luzes sobre o monge João Maria de Agostini, fez com que pensássemos nos excluídos das sociedades injustas.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *João Maria: Interpretação da Campanha do Contestado*. São Paulo: Editora Nacional, 1960.

FACHEL, José Fraga. *Monge João Maria: Recusa dos Excluídos*. Porto Alegre/Florianópolis: Editoras UFRGS/UFSC, 1996.

Recebido em: 10/03/2014

Aprovado em 19/05/2014.